

Viduo - Cartas
(mão)

POTENCIALIDADES DO “(NÃO)”: A VÍDEO-CARTA COMO ESTRATÉGIA METODOLÓGICA PARA O TRÂNSITO ARTE-CIÊNCIA-FILOSOFIA

Maruzia de Almeida Dultra

Recebido em: 09/09/2017

Aceito em: 26/10/2017

**Arte ciência filosofia
transdisciplinaridade**

Este artigo trata da zona fronteira estabelecida no exercício de criação de vídeo-cartas (não) filosóficas, algo como o horizonte de eventos de um buraco negro – este composto pela não arte, não ciência e não filosofia, todas três necessárias para a verdadeira compreensão de seus correspondentes positivos, conforme propõem Gilles Deleuze e Félix Guattari.

Se você desaparecer, será um naufrágio. Naufrágio desta pesquisa, desta pretensa correspondência, da procura pela *aparição* de um *corpoimagem*... Hoje sonhei que era você quem *aparecia*: ao ouvir palavras sobre você, aos poucos, sua imagem ia-se formando, a imagem do seu corpo, e de repente era você quem estava lá, a falar algo de suas aulas – e eu sorrindo, sorria de saudade... (Faz de conta que eu não preciso morrer dela.) Mas o sonho acabou, e o despertar trouxe consigo a terrível verdade: se você desaparecer, será um naufrágio.

...

Desde 2013, venho produzindo *cartas e vídeo-cartas (não) filosóficas* para o professor de filosofia Peter Pál Pelbart (ppp), uma audiência escolhida por ter sido sua aluna durante alguns anos – mas talvez não tanto pelo estatuto dessa condição, e sim por sua sutil delicadeza ao tratar de temas custosos e até dos mais triviais.

POTENTIALITIES OF “(NON)”: THE VIDEO LETTER AS A METHODOLOGICAL STRATEGY FOR THE ART-SCIENCE-PHILOSOPHY TRANSIT | *This article regards the border area established in the exercise of creating (non) philosophical video letters, something similar to the event horizon of a black hole – which would be composed by non-art, non-science and non-philosophy, all three of them necessary for the real comprehension of their positive equivalents, according to the propositions of Gilles Deleuze and Félix Guattari.* | ART, SCIENCE, PHILOSOPHY, TRANSDISCIPLINARITY.

Parto da palavra, 2015, vídeo digital <<https://youtu.be/z6GLcXZmUg>>

No entanto, em uma espécie de (não) carta, como demarcou, ele afirmou que o destinatário de tais correspondências ultrapassava sua figura:

*entendi que esse ppp é um personagem a mais entre outros tantos que você fabricou, e que você toma como intercessor para elaborar a questão que te obseda. Sendo assim, essa 'carta' não é uma resposta às cartas que você enviou a esse ppp, mas o modo que encontrei de pensar junto ao movimento que propõe seu trabalho, sem tomar a posição extrínseca e neutra, supostamente científica, que sabemos todos, nada mais é que uma ficção acadêmica.*¹

Então, ao propor criar um conceito-obra, nem absolutamente filosófico, nem absolutamente artístico – quiçá absolutamente científico –, estaria eu propondo enveredar, junto a um (não) ppp, por uma também ficção? Aquela sonhada por Hilton Japiassu² em relação à transdisciplinaridade e

igualmente vislumbrada por Gilles Deleuze e Félix Guattari³ no vigoroso estudo sobre as imbricações e distâncias entre a arte, a ciência e a filosofia...

Eis que a forma tomada para esse desafio desejante foi a de uma (não) linguagem, o vídeo – assim dito por estar situado além dos formatos audiovisuais tradicionais, como o cinema e a televisão. Mais especificamente, este trabalho trata do gênero híbrido das *vídeo-cartas*, surgido nos anos 70 e que, integrando um dos verbetes do *New Media Dictionary*, pode ser definido como:

Vídeo em que uma mensagem audiovisual é endereçada a um ou mais remetentes. A vídeo-carta é composta ao vivo ou é gravada e então editada. Algumas das primeiras vídeo-cartas foram Video Letter (1982-1983) dos artistas japoneses [Shuntarō Tanikawa e Shûji Terayama,⁴ [e Lettre à Jane (1972)]⁵ e La lettre à Freddy Buache (1982)⁶ do artista suíço Jean-Luc Godard⁷ (tradução nossa).⁸

Tanto quando, 2017, vídeo digital <https://youtu.be/p0T-_CD-tKk>



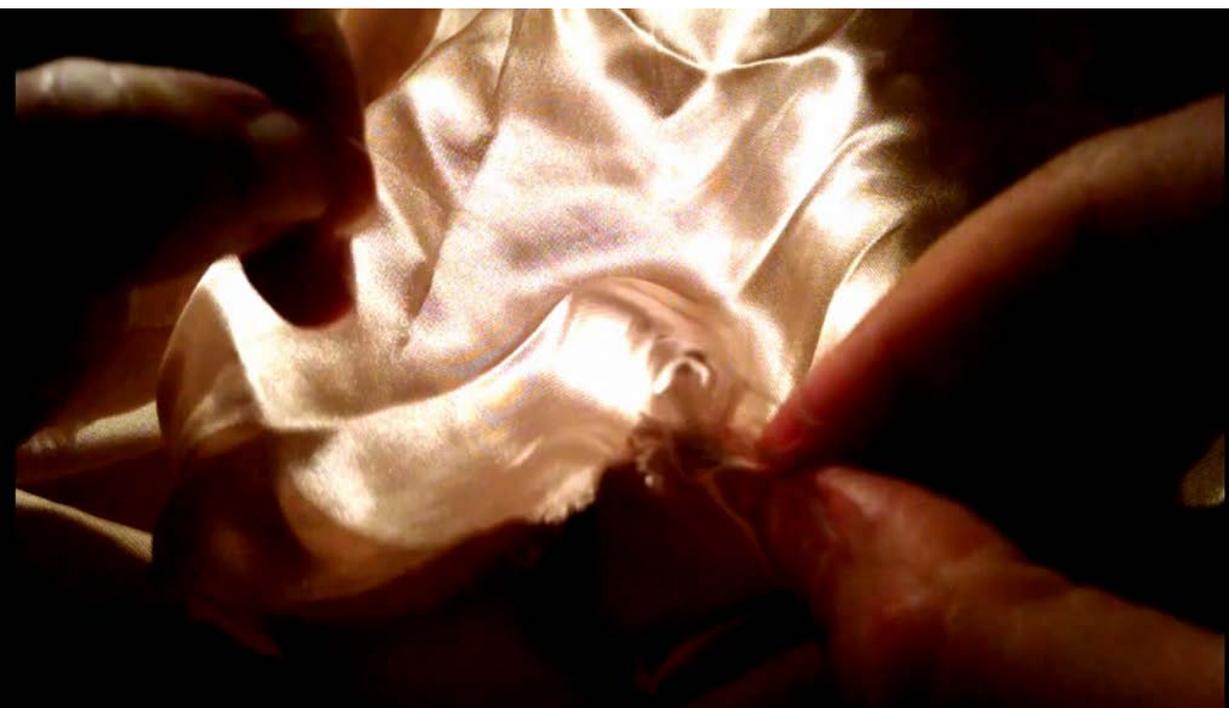
Para compor as chamadas *vídeo-cartas (não) filosóficas* têm sido convocados escritos de interlocutores diversos, a exemplo do texto criado a partir de uma adulteração de trechos do livro *Um sopro de vida*, de Clarice Lispector.⁹ Em tal mutação, frases destacadas da obra foram sequenciadas por ordem decrescente das páginas, resultando na seguinte passagem: *Estou me sentindo como se eu já tivesse alcançado secretamente o que eu queria e continuasse a não saber o que eu alcancei. Será que foi essa coisa meio equívoca e esquiva que chamam vagamente de experiência? (...) Escrever é sem aviso prévio. (...) o instante é de repente. (...) Eu poderia pegar cada vislumbre e dissertar durante páginas sobre ele, mas acontece que no vislumbre é às vezes que está a essência da coisa. (...) O que me importa são instantâneos fotográficos das sensações. (...) Às vezes a sensação de pré-pensar é agônica, é a tortuosa criação que se debate nas trevas e que só se liberta depois de pensar – com palavras. (...) As coisas obedecem ao sopro vital. Nasce-se para fruir e fruir já é nascer. (...) O que tenho me entra pela pele e me faz agir sensualmente. (...) O pré-pensamento é em preto e branco. O pensamento com palavras tem cores outras. O pré-pensamento é o pré-instante. (...) Em cada palavra pulsa um coração (...) onde circula sangue. Eu vivo em carne viva. (...) Este livro [videocarta] é um pombo-correio. (...) Se alguém o ler [se você me vir], será por conta própria e autorrisco. (...) Escrevo como escrevo sem saber como e por quê – é por fatalidade de voz. O meu timbre sou eu [é você]. Escrever é uma indagação – é assim: ?¹⁰*

A imagem desse vídeo (intitulado *Tanto quando*) é o piscar de um olho tomado em *super close* e *slow motion*, fazendo questionar a engrenagem instantânea do 'tudo é imagem' ao evidenciar a velocidade lentíssima com que uma pálpebra

pode ser movida imagneticamente. Apenas isso. E o turbilhonar texto (não) clariciano a tensionar sonoramente através de minha voz. Com o movimento de ser mais que uma mescla de literatura com as artes visuais, mas sim o encontro do que há de poesia na filosofia, outro exemplo de citação adulterada inserida numa *vídeo-cartas (não) filosófica* é a passagem a seguir, recortada do livro *A gênese de um corpo desconhecido*, do filósofo japonês Kuniichi Uno, e costurada em *Desfio-a-fio*:

*O que existe entre?
Nada e muita coisa.
Os limiares sob os limites.
Este pequeno nada,
talvez, tão importante e crucial.¹²*

Nesse vídeo, a condição limítrofe da pele tem como metáfora um tecido que é destramado fio por fio, a fim de questionar sobre uma possível *desaparição* do corpo. Assim como acontece no conto *The story of Mimi-Nashi-Hoichi*, do escritor Lafcadio Hearn,¹³ naturalizado no Japão como Koizumi Yakumo. A história traz Hoichi, um músico cego que vive em um mosteiro próximo ao cemitério onde estão enterrados os envolvidos na batalha naval dos clãs Genji e Heike. Por causa de suas canções celebrando essa antiga batalha, durante a madrugada, Hoichi é ordenado pela corte imperial fantasmagórica a executar para ela a balada épica de sua luta de morte. Assim o músico o faz perante os túmulos dos samurais-fantasmas, que, nesse ritual, vão esvaindo a vitalidade de Hoichi. Quando os monges que abrigam o músico descobrem a verdade por trás de suas saídas noturnas, avisam-no de que os fantasmas acabarão por destruí-lo em pedaços e, por isso, decidem cobri-lo com tatuagens, escrevendo um mantra sagrado (exorcista) sobre seu corpo para torná-lo invisível aos fantasmas.



Desfio-a-fio, 2017, vídeo digital <<https://youtu.be/bTT0cRzuRrU>>

Porém os monges se esquecem de pintar as orelhas de Hoichi, que são, então, cortadas conforme se temia. Retornando ao mosteiro sem orelhas, a sua desventura, no entanto, impulsiona-o para a fama: um músico que não pode ouvir... Assim, a contundente e ao mesmo tempo singela saga japonesa apresenta uma (não) visibilidade do corpo como possível (o corpo coberto por palavras que *desaparece*), sendo uma contribuição da cultura popular oriental para as discussões aqui colocadas.

Também a contrapelo do sistema vigente de visibilidades, a *vídeo-carta do caos ao caos* preenche a tela com uma imagem "ruidística": o chuveiro da TV quando não sintonizada. Ela é também apresentada em *super close* e *slow motion*, fazendo com que o deslocamento de cada partícula imágica possa ser acompanhado pelo espectador – o

evitado passa a ser essencial, algo como uma (po) ética do desvio, em que a ranhura interessa mais que a nitidez. Tudo isso engendrado em meio ao fetiche da perfeição digital, o que torna a atuação desta pesquisa necessária a uma perspectiva crítica da imagem.

Estar fora do ar, como no vídeo do *cais ao caos*, pode nos levar a pensar em estar fora dos limites que regem a arte, a ciência e a filosofia. Seria habitar o horizonte de eventos que circunda um buraco negro, nos conduzindo a uma (não) arte, uma (não) ciência e uma (não) filosofia. Nesse sentido, tais parênteses constituem linguisticamente essa zona limiar, para além da qual tudo é atraído para se tornar singularidade da escuridão espacial. Nem mesmo a luz, afinal, pode escapar da supergravidade de um buraco negro.

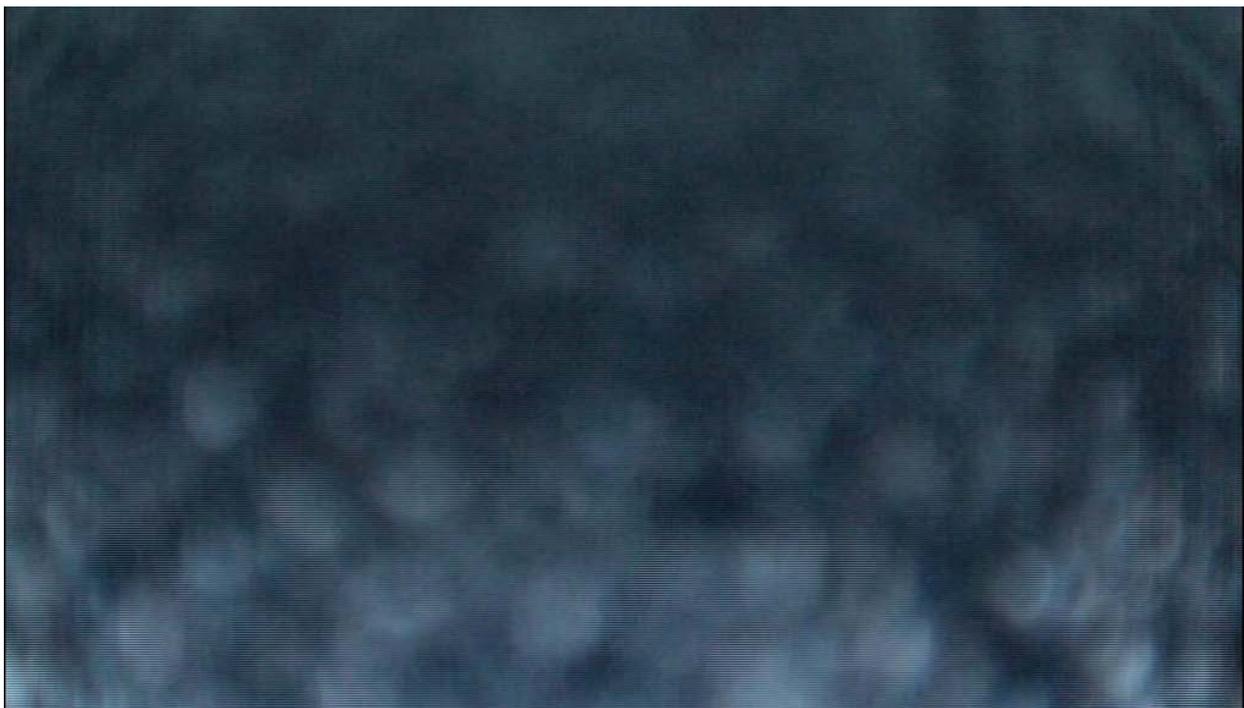
O perfil trêmulo dessas *vídeo-cartas* as coloca num espaço fecundo no que diz respeito ao pensamento, pois abrange seu puro devir. No buraco negro, está o impensado do pensamento; do impensado advém a imprescindível relação que cada disciplina tem com seu negativo correspondente. Então, se a arte se relaciona com o caos mediante um plano de composição que resulta em sensações, a filosofia, por meio de um plano de imanência que resulta em conceitos, e a ciência, por um plano de referência que resulta em funções, as três disciplinas são formas de pensamento que não podem perder de vista seus “nãos”. Nesse sentido, dizem Deleuze e Guattari:

Não se trata de dizer somente que a arte deve nos formar, nos despertar, nos fazer sentir, nós que não somos artistas – e a filosofia ensinar-nos

*a conceber, e a ciência a conhecer. Tais pedagogias só são possíveis se cada uma das disciplinas, por sua conta, está numa relação essencial com o Não que a ela concerne. (...) A filosofia precisa de uma não filosofia que a compreenda, ela precisa de uma compreensão não filosófica, como a arte precisa da não arte e a ciência da não ciência. Elas não precisam de seu negativo como começo, nem como fim no qual seriam chamadas a desaparecer realizando-se, mas em cada instante de seu devir ou de seu desenvolvimento.*¹⁴

Esses três “nãos” apresentam a mesma relação com o caos: estão sempre a clamar o porvir. Um procedimento metodológico singular é assim impelido, uma poética estrategicamente indisciplinada, que exaspera o conhecimento

Desfio-a-fio, 2017, vídeo digital <<https://youtu.be/bTT0cRzuRrU>>



enquanto faz insurgir um novo formato de sua difusão, fruto da energia descomunal de uma operação entre, através e além das disciplinas. Desse modo, como compara Julie Klein,¹⁵ ao invés de uma *simplicidade* do conhecimento, tem-se uma *complexidade* do conhecimento; em vez de *isolamento* do conhecimento, veremos surgir uma *hibridização* do conhecimento; em lugar de uma *linearidade*, uma *não linearidade* do conhecimento. Ou, ainda, não mais um *consenso* do conhecimento, porém um *acordo*, já não uma *universalidade* do conhecimento, mas *diálogo local-regional-global*. Com isso estaríamos mais próximos, sem dúvida, de um conhecimento *transdisciplinar* do que de uma *monodisciplinaridade* do conhecimento.¹⁶

Conforme sistematizado por Frédéric Darbellay,¹⁷ entre essas duas extremidades, há um espectro de variações no que se refere à relação dos pesquisadores com seus objetos de estudo, constituído pela multidisciplinaridade (ou pluridisciplinaridade) e pela interdisciplinaridade. Na primeira, o tópico de pesquisa deixa de ser compartimentalizado, passando a ser compartilhado pela equipe, porém cada integrante age de maneira independente de acordo com sua área específica. Já na segunda, há um avanço em relação ao tópico de pesquisa compartilhado porque ele é tratado sob pontos de vista plurais, de forma coordenada e interativa.

Portanto atuar transdisciplinarmente requer atenção a esses formatos antecessores, para que não se incorra no engano de que estamos realizando uma proposta *trans* quando, na verdade, estamos nada mais que repetindo formas já dadas. Uma pesquisa da ordem *trans* carrega em si o inesperado, a surpresa da conjunção, compondo cintilações maiores do que poderíamos supor.

Como destaca Dante Galeffi,¹⁸ a transdisciplinaridade traz consigo um *salto de natureza*.

A problematização em torno dos regimes disciplinares interessa a este trabalho porque toda a transmutação vislumbrada pelas *vídeo-cartas (não) filosóficas* persegue as im?possibilidades do que um pensamento pode. No limite, seria dizer o que um (não) pensamento alcança, onde ele passa a (não) agir, encontrando aí sua potência.

...

Se temia, a princípio, sua desapareção, agora alivia-me a ideia de que nada desaparece – na realidade do buraco negro, tudo se transforma no impensado, sua mesma substância, singularidade. E será para lá, então, que deverei endereçar as *vídeo-cartas (não) filosóficas*...

Agradecimentos: Aos Profs. Drs. Joaquim Viana Neto e Peter Pál Pelbart, pelo acolhimento (não) filosófico.

NOTAS

1 Trecho do Parecer de Avaliação emitido pelo Prof. Dr. Peter Pál Pelbart para o Exame de Qualificação de meu projeto de tese “Vídeo-cartas (não) filosóficas: percurso de aparição de um *corpoimagem*”, em 23 mai. 2017.

2 Japiassu, Hilton. *O sonho transdisciplinar e as razões da filosofia*. Rio de Janeiro: Imago, 2006.

3 Deleuze, Gilles; Guattari, Félix. *O que é a filosofia?* 3 ed. Trad. Bento Prado Jr.; Alberto Alonso Muñoz. Rio de Janeiro: Editora 34, 2010. Trad. Bento Prado Jr.; Alberto Alonso Muñoz. (col. TRANS).

4 Vídeo disponível em: <<https://youtu.be/wyK9QITsNsw>>. Acesso em: 15 jul. 2017.

5 Vídeo disponível em: <https://vimeo.com/21649449>>. Acessado em: 15 jul. 2017.

6 Vídeo disponível em: <https://vimeo.com/107997613>>. Acessado em: 15 jul. 2017.

7 Poissant, Louise; Dupont, Chantal; Langlois, Monique; Nelson, Lou. *New Media Dictionary*. In: *Leonardo – Journal of the International Society for the Arts*, Oakland, v. 34, n. 1, p. 41-44, fev. 2001 (parte II: Vídeo). Disponível em: <<https://muse.jhu.edu/journals/leonardo/v034/34.1dictionary.pdf>>. Acessado em: 5 nov. 2014.

8 Do original em inglês: “Video in which an audio-visual message is addressed to one or more recipients. The video letter is composed live or is taped and then edited. Some of the first video letters were *Video Letter* (1982-1983) by Japanese artists [Shuntarō] Tanikawa and Shuji Tereyam [and *Lettre à Jane* (1972)] and *La lettre à Freddy Buache* (1982) by Swiss artist Jean-Luc Godard”.

9 Lispector, Clarice. *Um sopro de vida: pulsações*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1978.

10 Lispector, op. cit.:14-27 (modificado).

11 Uno, Kuniichi. *A gênese de um corpo desconhecido*. Trad. Christine Greiner. São Paulo: n-1 edições, 2012.

12 Uno, op. cit.:77.

13 Hearn, Lafcadio (Yakuno, Koizumi). The story of Mimi-Nashi-Hoichi. In: *Kwaidan: stories and studies of strange things*. Tokio: Shimbi Shoin, 1932. Versão digital do texto disponível em: <<http://www.sacred-texts.com/shi/kwaidan/kwai03.htm>>. Acessado em: 20 dez. 2013.

14 Deleuze, Guattari, op. cit.:256-257.

15 Klein, Julie Thompson. Notes Toward a Social Epistemology of Transdisciplinarity. Apresentado no Primeiro Congresso Mundial

de Transdisciplinaridade, Convento de Arrábida, Portugal, 2-6 nov. 1994. Disponível em: <<http://ciret-transdisciplinarity.org/bulletin/b12c2.php>>. Acessado em: 30 jan. 2017.

16 Parte desse parágrafo é uma adulteração-homenagem a Pelbart, Peter Pál. *O tempo não reconciliado: imagens de tempo em Deleuze*. São Paulo: Perspectiva, 2007: XXI.

17 Darbellay, Frédéric. From disciplinarity to postdisciplinarity: tourism studies dedisciplined. *Tourism Analysis*, v. 21, p. 363-372, 2016. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/304235114_From_Disciplinarity_to_Postdisciplinarity_Tourism_Studies_Dedisciplined>. Acessado em: 14 fev. 2017.

18 Galeffi, Dante Augusto. Criatividade como transformatividade humana própria e apropriada. In: Galeffi, Dante Augusto; Macedo, Roberto Sidnei; Barbosa, Joaquim Gonçalves. *Criação e devir em formação: Mais-vida na educação*. p. 11-61. Salvador: Edufba, 2014.

Maruzia de Almeida Dultra é discente do Doutorado Multi-institucional e Multidisciplinar em Difusão do Conhecimento da Universidade Federal da Bahia (DMMDC-UFBA), bolsista da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado da Bahia (Fapesb), mestre em Poéticas Visuais pela Universidade de São Paulo (PPGAV-ECA-USP), bacharel em Comunicação Social pela Universidade Federal da Bahia (Facom-UFBA). Recentemente, abriu uma ‘Caixa Portal’: <https://www.youtube.com/channel/UCMvUocjq87WsXfzRFhSQBlg/videos>.